

TORCIDA ORGANIZADA GALOUCURA

Flávia Cristina Soares¹

1- INTRODUÇÃO

Ao caminhar pelas ruas de qualquer cidade brasileira observamos as bandeiras e os símbolos dos Clubes de Futebol espalhadas pelas janelas dos edifícios, lojas e bancas de revistas como uma forma de representar a paixão do nosso povo por esse esporte. Belo Horizonte assim como as demais metrópoles do nosso país convive semanalmente com os jogos realizados pelos Campeonatos Estaduais e Brasileiros, Copa Brasil e Libertadores da América. As grandes bandeiras que recobrem o público, os cânticos, a bateria e a padronização dos uniformes fazem com que tudo isso se transforme em um grande espetáculo. Para os torcedores, não há como descrever a sensação de participar desse cenário, uma vez que a emoção toma conta do próprio corpo em busca de uma possível vitória.

Apesar desse grande espetáculo futebolístico, a violência dentro e nos arredores dos estádios atemoriza grande parte da sociedade, principalmente, pelas lutas físicas travadas entre os membros de torcidas rivais. Essas disputas são ocasionadas, em sua maioria das vezes, pelos jovens pertencentes às torcidas organizadas. No caso de Belo Horizonte, o Comando Máfia Azul e a Torcida Pavilhão Independente representam o Cruzeiro Esporte Clube e a Torcida Organizada Galoucura, o Clube Atlético Mineiro. O motivo pelo qual esse estudo se torna importante diz respeito ao número de homicídios ocasionados entre os anos de 1988 à 2012. A capital mineira ocupa o quinto lugar entre as cidades brasileiras em que ocorreram o maior número de homicídios em função das rivalidades entre as Torcidas Organizadas de Futebol².

A repercussão midiática do homicídio praticado por um grupo de jovens pertencentes à Galoucura despertou o interesse no campo sociológico para discutir as práticas de violência utilizadas na juventude e o que isto representa. Em novembro de 2010, Otávio Fernandes, um jovem com apenas dezenove anos, membro do Comando Máfia Azul faleceu em frente à uma casa de shows na capital mineira após uma briga entre as torcidas rivais. Um cenário captado

¹ Pesquisadora do CRISP – Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: flaviasoares@waymail.com.br

²<http://blog.chicomaia.com.br/2012/04/03/guerra-das-gangs-organizadas-comecou-em-1988-e-ja-sao-155-mortos/>

pelas imagens de segurança e transmitida pelos jornais televisivos repercutindo nacionalmente a violência entre as torcidas organizadas. Os responsáveis por tais atos de espancamento foram julgados por formação de quadrilha e homicídio. Portanto, é comum observar através das relações estabelecidas entre os membros da mesma torcida agressões entre os integrantes. Assim, consideramos importante discutir e debater o que a violência representa para esses jovens considerados marginalizados pela sociedade.

Tomando como perspectiva a divisão administrativa da cidade de Belo Horizonte por regionais, pode-se perceber que até o presente momento os homicídios motivados por brigas entre as Torcidas Organizadas se concentram, principalmente, nas regiões em que se localizam o Estádio Governador Magalhães Pinto, conhecido como Mineirão, e o Estádio Raimundo Sampaio, conhecido como Arena da Independência, situados na Regional Pampulha e Leste, respectivamente. A Regional Centro-sul possui um aspecto peculiar por ser um local em que os jovens transitam para acessar através dos transportes públicos os mais diversos bairros da metrópole e, conseqüentemente, chegar até os estádios de futebol. O centro da capital mineira é um ponto de encontro dos jovens pertencentes às torcidas rivais.

O primeiro aspecto a ser destacado se refere ao número de homicídios entre os anos de 1988 à 2012. As estatísticas demonstram que 11 homicídios foram ocasionados por brigas entre as torcidas organizadas de Belo Horizonte nos dias de jogos, ou seja, nos “clássicos” – Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube. Esses apontamentos nos levam a questionar os motivos dos atos violentos praticados pelos jovens pertencentes às torcidas culminando, inclusive, na morte do rival.

Homicídios ocorridos em Belo Horizonte entre os anos de 1988 à 2012.

	Nome	Idade	Torcida	Local	Data
1	Leandro Pereira Rocha	15	-	Mineirão	1997
2	Claudemir Silva Reis	16	TOG	Mineirão	1997
3	Francisco Agnaldo Felício	-	CMA	Estação BHBUS – Venda Nova	2004
4	Gustavo Telles Gonçalves	15	TOG	Centro de BH	2004
5	Washintong Sebastião Oliveira	26	TOG	Arredores do Estádio do Independência	2005
6	Michel César Medeiros Fraga	-	CMA		2005
7	Ronaldo Pedro Ferreira	23	TOG	Mineirão	2007
8	Samuel de Souza Tobias	19	TOG	Centro de BH	2008
9	Lucas Batista Marcelino	20	TOG	Horto	2009
10	Otávio Fernandes	19	CMA	São Pedro	2010
11	Samir Abner Vieira da Silva	23	CMA	Santa Tereza	2012

Destacaremos, aqui, algumas considerações acerca da Torcida Organizada Galoucura em Belo Horizonte. A sede da Galoucura está localizada próxima à Arena da Independência para facilitar o acesso dos integrantes nos dias de jogos. Outra estratégia empregada pela torcida organizada se caracterizou em fundar subseções com o propósito de facilitar as reuniões e os encontros realizados pelos jovens moradores de uma mesma regional. Num primeiro momento, para compreender a dinâmica da violência entre as torcidas organizadas, um grupo que agrega jovens fortes e dispostos a lutar com os rivais para defender os simbolismos e os valores do Clube Atlético Mineiro conhecido pelos pares como “linha de frente” da Galoucura está sendo o objeto da pesquisa: a Galoucura Noroeste.

2- A ORGANIZAÇÃO DA “LINHA DE FRENTE” – A GALOUCURA NOROESTE

Tomando como perspectiva as investigações de Magnani (1992) sobre os circuitos juvenis pode-se inferir que o número de mortes ocorridas em função dos conflitos entre as torcidas organizadas estão localizadas, principalmente, nos arredores dos estádios. Portanto, a regional centro-sul é um lugar de passagem em que os jovens das mais diversas localidades da metrópole podem se encontrar para acessar aos transportes públicos e alcançar o seu destino. Os jovens descrevem que circular pela cidade nos dias dos jogos é tenso, uma vez que podem se colocar em risco. Assim, abordaremos alguns desdobramentos observados na pesquisa até o presente momento.

A Galoucura é composta, em sua maioria, por jovens moradores das vilas e favelas da metrópole. Por mais que se observam a presença de crianças e adultos nos estádios de futebol essa não é uma característica presente na torcida. Assim, a juventude que deixa a sua *quebrada*³ se coloca em risco uma vez que se torna estrangeiro perante o olhar dos demais. A única possibilidade de um jovem se tornar reconhecido na cidade é compartilhar os mesmos valores, símbolos e gostos, neste caso, representado pela escolha da sua torcida. Citamos, como exemplo, um jovem da Máfia Azul que ao transitar pela cidade sozinho se coloca em risco na medida em que pertencer ao grupo rival é um sinal de que a violência possa surgir. Assim,

³ Segundo Pereira (2005, p. 56), “[...] o termo *quebrada* é utilizado para se referir ao bairro onde mora”.

entende-se o quanto os jovens devem transitar pelos espaços da cidade em grupo, não só porque eles se sentem protegidos, mas principalmente, pelo motivo de poder proteger o mais fraco.

Uma questão pode ser pensada no que tange ao início dessa violência entre as torcidas organizadas. Primeiramente, considera-se que não há nenhuma origem para tal fato, pois como ressaltam “uma porrada puxa a outra”, impossível de verificar qual foi desencadeamento dessa violência entre os grupos. Em segundo lugar, destaca-se a permanência do grupo com o propósito de honrar a memória de outros que já lutaram pelos simbolismos e pelos valores compartilhados. Mas, existem alguns apontamentos em relação às influências violentas para a constituição das torcidas organizadas no Brasil.

O futebol passou a ser objeto de análise dos cientistas sociais somente a partir do *hooliganismo* inglês (ELIAS, DUNNING, 1992). O *hooliganismo* é caracterizado por agrupamentos juvenis, temidos na Europa e que provocavam distúrbios durante as viagens realizadas a outros países em apoio aos clubes de futebol. Elias e Dunning (1992) propuseram uma explicação configuracional da sociogênese do “estilo masculino agressivo”, principalmente, das classes mais baixas dos trabalhadores. Os xingamentos através de palavras obscenas, grosseiras e as lutas físicas eram os comportamentos predominantes destes grupos (ELIAS, DUNNING, 1992). Algumas indagações foram realizadas pelos autores: porque adolescentes e jovens do sexo masculino, dos setores socioeconômicos mais baixos das classes trabalhadoras desenvolveram fortes interesses pela luta e pelo prazer de lutar? Porque um comportamento agressivo constitui uma parte do estilo de vida? Porque o futebol constituiu um ponto atraente para a manifestação desse comportamento? Eles ressaltaram a disputa por territórios como um fator primordial na constituição desses grupos, pois os jovens se posicionavam lado a lado com os indivíduos do mesmo bairro nos Estádios de Futebol. Além disso, o prestígio conquistado pelos jovens através das lutas físicas proporcionava uma dinamização e uma emoção agradável. Assim, verificaram que na cidade de Leicester, os conflitos entre os bairros que envolviam grupos de jovens do sexo masculino estavam relacionados à defesa do bom nome do bairro contra todos os rivais.

Elias e Dunning (1992) ressaltaram que a organização do Campeonato Mundial na Inglaterra, em 1966, teve um componente decisivo para a consolidação e expansão do *hooliganismo* no futebol. A proximidade dos espectadores ingleses com os órgãos de comunicação internacionais e os jornais populares começaram a difundir a atenção para o *hooliganismo*, considerado como uma ameaça para o prestígio internacional do país. Nos dias

que antecederam o Campeonato do Mundo de 1966, vários repórteres estavam preparados para dar notícia em relação ao comportamento da multidão com a finalidade de vender jornais, pois esta indústria estava altamente competitiva. As notícias sensacionalistas do *hooliganismo* inglês aumentaram o pânico político e moral em relação à violência da juventude.

[...] Assim, contribuíram para a situação atual, nomeadamente uma situação em que os incidentes *hooligans* tem uma dimensão mais grave, há um acompanhamento muito mais regular aos jogos do que costumava verificar-se e surge o fenômeno da exportação do problema do *hooliganismo* inglês para o estrangeiro, num grau suficiente para levar os termos ‘fãs do futebol inglês’ e *hooligans* a serem considerados no continente como algo contagioso [...] (ELIAS, DUNNING, 1992, p. 385).

Sob a influência dos *hooligans* ingleses, a primeira torcida organizada foi registrada em Portugal como torcidas uniformizadas no final da década de 1960. A pioneira neste modelo de torcida no Brasil, de forma organizada e independente, foi a “Gaviões da Fiel”, do Corinthians-SP, em 1969 (SOUZA, 2010). Desde então, as torcidas passaram a se expandir com a finalidade de apoiar e acompanhar o seu Clube de Futebol.

A Galoucura Noroeste conhecida como a “linha de frente” da torcida organizada se inspirou nos *hooligans* ingleses para constituir o grupo. Um jovem expressa nitidamente o quanto gostaria de ser reconhecido como a torcida mais violenta do Brasil. Na foto 1, observamos os jovens com os rostos escondidos para não serem identificados, uma forma, inclusive, de amedrontar os demais. Além disso, o porte físico demonstra o quanto estão dispostos a lutar contra os rivais. Abaixo na foto é possível ler a seguinte frase: “Não nos pergunte do que somos capazes apenas nos dê a missão”.



FOTO 1: Foto dos integrantes da Galoucura Noroeste conhecido como a “linha de frente” da Torcida Organizada influenciados pelos *hooligans* ingleses.

Fonte: <http://somosgaloucura.wordpress.com/>

Um jovem integrante da Torcida Organizada Galoucura ressalta que “[...] porque o cara era Máfia Azul, a gente era Galoucura, aí brigava, ficava aquela guerra, ficava aquela rixa”. Então, os jovens desenvolveram uma estratégia para demonstrar aos demais que são capazes de lutar fisicamente contra um membro da torcida rival. Não basta apenas brigar, mas é preciso levar consigo a camisa ou a bandeira como uma forma de demonstrar a conquista pela luta, ou seja, o “troféu”. Na foto 2, é possível perceber uma camisa da Máfia Azul posta de ponta-cabeça e a camisa da Galoucura Noroeste. Notam-se as frases: “a união dá o poder” e “família do K.Ô.” K.Ô é uma sigla que significa *Knock Out* em inglês. Para o português a tradução seria o nocaute, ou seja, o lutador não tem mais condições para o combate. Na foto 3, é possível perceber uma bandeira da Máfia Azul de ponta-cabeça na sede da Galoucura. No meio da foto, observa-se a expressão “*hooligans* ideologia”. Tanto a camisa quanto a bandeira da torcida rival são considerados como símbolos de prestígio e status perante os pares.



FOTO 2: Foto demonstrando o prestígio e o status da Galoucura Noroeste perante os demais ao conquistar a camisa do rival.

Fonte: Foto cedida por um membro da Galoucura Noroeste.



FOTO 3: Foto mostrando o poder da Torcida Organizada Galoucura em relação as demais torcidas.

Fonte: Foto cedida por um membro da Galoucura Noroeste.

Para os integrantes da Galoucura Noroeste, as lutas físicas ou as “porradas” possuem limites dentre os quais só podem participar àqueles que utilizam do corpo para as brigas. Eles repudiam qualquer uso de armas de fogo ou armas brancas. O que se constata nas reuniões desse grupo é a presença de líderes que incentivam os novatos a estarem dispostos a brigar. Assim, em um dia de “clássico”, o grupo deve sair para “pista” - transitar pela cidade em busca das lutas com os rivais. As expressões de incentivo dos líderes são pronunciadas de maneira alta e com raiva: “sangue no olho”, “nós é o poder”, “amanhã nós vamos é pegar mesmo”, “não sabemos se vamos voltar: é irmão com irmão”. Para além disso, a fala dos líderes que desejam ver os novatos igual o capeta provoca um reboliço com gritos expressando a superioridade desse grupo em relação aos demais em defesa dos símbolos e dos valores da torcida.

Em relação aos novatos, pode-se destacar que eles realizam atividades de menor valor dentro do grupo como carregar os materiais para o estádio e segurar as bandeiras durante os jogos dos campeonatos. A bandeira deve ser balançada apenas pelos antigos membros do grupo demonstrando que existe uma carreira no interior da própria Galoucura Noroeste e que mostrar o símbolo é um exemplo de estar em uma posição privilegiada entre os demais. Na foto 4, observa-se o símbolo da Galoucura Noroeste: um pit bull, caracterizado pela coragem, agilidade e resistência física. Como os atleticanos são denominados pelos cruzeirenses por “cachorrada”, a Galoucura Noroeste adotou o melhor cão de combate para simbolizar a sua regional. Na foto 5, percebe-se a sigla da Galoucura Noroeste – GNO – escrita no corpo demonstrando a importância do grupo para a constituição da identidade dos jovens⁴.

⁴ A pesquisadora se inseriu na Galoucura Noroeste. Como eles são considerados como a “linha de frente” da Torcida Organizada, nos dias de clássico é proibido a presença de mulheres nas arquibancadas. Após a negociação de que era importante acompanhá-los adquirir o ingresso para assistir ao jogo no estádio.



FOTO 4: Pit bull: símbolo da Galoucura Noroeste.

Fonte: Foto cedida por um membro da Galoucura Noroeste.



FOTO 5: Tatuagem com a sigla GNO – Galoucura Noroeste.

Fonte: Foto cedida por um membro da Galoucura Noroeste.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a pesquisa está se iniciando, não podemos obter conclusões contundentes em relação a violência entre as torcidas organizadas de Belo Horizonte. Descrevemos apenas as primeiras observações de campo para discutir sobre o tema. Porém, o que nos chama a atenção é a influência da cultura cristã no interior do próprio grupo. Não que o cristianismo proporcionou a criação da torcida organizada, mas, sim, que a própria Galoucura “tomou emprestado” alguns termos do sacramento para incorporar ao grupo. Citamos o “batismo” (inserção de um membro), a “comunhão” (reuniões realizadas pelos integrantes da Noroeste), as “procissões” (o trajeto da sede da Galoucura para a Arena da Independência), as bandeiras (os santos) e o próprio estádio (Igreja).

Muito além das doutrinas cristãs, os jovens realizam esses rituais através da violência, seja pelas lutas corporais, xingamentos, cânticos ou pelos corpos encenando gestos. Se, por um lado, a religião possui uma função social, as torcidas possui uma função social tanto para os jovens quanto para as cidades. Aqui, não se trata de criminalizar o comportamento de milhares de torcedores, mas refletir sobre a importância dessa violência dentro dos estádios de futebol. Inclusive, podemos nos perguntar: será que esses atos são realmente violentos para os torcedores? Será que precisamos disciplinar os corpos e padronizar o comportamento? Estes questionamentos irão orientar a pesquisa com o propósito de investigar a violência (que nós a designamos como tal) dentro das torcidas organizadas.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da excitação**. Lisboa : Difel, 1992, 421 p.

MAGNANI, José Guilherme C. (1984), **Festa no pedaço**. São Paulo, Brasiliense. (1992). “Da Periferia ao Centro: Pedacos e Trajetos”. Revista de Antropologia, São Paulo, 35.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **De rolê pela cidade**: os pixadores em São Paulo. 127p. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco. Antropologia na multidão: um novo olhar sobre as torcidas organizadas dos clubes de futebol de Recife. In: **Encontro de Ensino, pesquisa e extensão da Faculdade SENAC**, 2010, 27 e 28 de outubro.

Sites:

<http://somosgaloucura.wordpress.com/>

<http://blog.chicomaia.com.br/2012/04/03/guerra-das-gangs-organizadas-comecou-em-1988-e-ja-sao-155-mortos/>